

CARLOS
MENSIL

AND
FROM THE
DUST
IT
SHALL
RETURN

TRAVESSA
DA ERMIDA

INDEX PT
P.4

IMG
P.14

EN
P.28

And from the
dust it shall
return, 2019

Instalação com parede
falsa e outras estruturas
em madeira e metal, esfera
de íman (neodímio), restos
de metais e de ímanes de
outras peças, leds, motor
de passo e componentes
electrónicos, fio de nylon,
roldanas, rolamento,
acrílico e polipropileno;
Dimensões variáveis.

Installation with fake wall
and other structures in
wood and metal, magnet
sphere (neodymium), metal
and magnets remains from
other artworks, leds, stepper
motor and electronic
components, nylon thread,
pulley, bearing, plexiglass
and polypropylene;
Variable dimensions.

I

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

(PT)

And from the dust it shall return (2019), de Carlos Mensil (1988, Santo Tirso), é uma exposição-instalação *site-specific* para a Travessa da Ermida. Na verdade, mais do que específica ao espaço, esta exposição-instalação é específica ao *contexto* do lugar ou dos múltiplos símbolos que a história do lugar convoca.

Quando entramos no espaço da Travessa da Ermida, começamos por ser confrontados com uma parede iluminada parcialmente. Se nos aproximarmos, poderemos ver uma espécie de desenho em tempo real e ouvir um som mecânico num ritmo que adivinhamos aleatório. Se passarmos para a parte de trás da parede, descobrimos toda a estrutura de madeira que suporta a parede, um engenho com uma mola, uma esfera de íman que se move, roldanas, fios de nylon que vão deslizando, e ainda um pequeno motor numa caixa de madeira que parece emitir uma luz azul, que é, afinal, proveniente de um componente electrónico.

Esta descrição é, dentro dos limites do que estas palavras podem fazer, fiel ao que podemos ver e ouvir. Contudo, o mais interessante desta obra

II

III

PT

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

MAIS DO QUE ESPECÍFICA
AO ESPAÇO, ESTA
EXPOSIÇÃO - INSTALAÇÃO
É ESPECÍFICA AO CONTEXTO
DO LUGAR OU DOS MÚLTIPLOS
SÍMBOLOS QUE A HISTÓRIA
DO LUGAR CONVOCA

não é confiado aos sentidos mas sim à nossa experiência e à nossa memória (ou às nossas ideias) do que sabemos do lugar – estamos numa ermida, construída com uma função religiosa de capela de modestas dimensões num lugar solitário – e dos símbolos que lhe associamos.

O primeiro símbolo chega-nos por via do título, *And from the dust it shall return*, na clara evocação Bíblica a “és pó e ao pó da terra retornarás” (Gênesis, 3:19) (em inglês, “and to dust you shall return”). Para a Igreja Católica, Deus criou o Homem com a mesma matéria da Terra – pó: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 2:7). Mais tarde, Deus diria a Adão que “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gênesis, 3:19). Esta passagem da Bíblia diz-nos que retomaremos ao pó, na nossa condição finita, mortal e dependente de Deus. Já a frase que dá o título à exposição, na mudança semântica subtil que propõe, implica uma condição de circularidade infinita, de um retorno desse pó, matéria que é simultaneamente início e o fim. E o pó, nesta exposição - instalação, é precisa e conjuntamente matéria e tempo.

IV

V

PT

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

O MAIS INTERESSANTE DESTA
OBRA NÃO É CONFIADO
AOS SENTIDOS MAS SIM À NOSSA
EXPERIÊNCIA E À NOSSA
MEMÓRIA (OU ÀS NOSSAS IDEIAS)
DO QUE SABEMOS DO
LUGAR E DOS SÍMBOLOS QUE
LHE ASSOCIAMOS

Na primeira sala, iluminada por uma espécie de monóculo alto que parece tomar o lugar de uma rosácea na capela, podemos ver um desenho a ser produzido em tempo real. Uma das primeiras impressões que temos de *And from the dust it shall return* é a deste movimento pautado por um som mecânico que, neste lugar, facilmente nos fará pensar num órgão. A imagem abstracta que se desenha em movimento, remanescente dos princípios matemáticos que guiaram as primeiras abstrações geométricas e da arte cinética, nunca pára. Este desenho feito com pó constituído por pedaços de metais e de ímanes, restos recuperados de outros trabalhos já finalizados do espaço do atelier de Carlos Mensil cria assim, instantaneamente, uma relação com o título. Afinal, este desenho e, em última instância, este trabalho, regressou do pó, das partes mortas de outros trabalhos, para criar algo de novo.

Este processo de criação é motor para uma sensação de perplexidade e de estranheza – vemos o pó a desenhar na parede mas não vemos ninguém a controlá-lo, nem conseguimos discernir-lhe um início nem um fim nem tão pouco um ritmo previsível. As tentativas de perceber quem ou o que determina o movimento do desenho conduzem-nos ao altar,

VI

VII

PT

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

JÁ A FRASE QUE DÁ O TÍTULO
À EXPOSIÇÃO, NA MUDANÇA
SEMÂNTICA SUTIL QUE PROPÕE,
IMPLICA UMA CONDIÇÃO
DE CIRCULARIDADE INFINITA,
DE UM RETORNO DESSE
PÓ, MATÉRIA QUE É
SIMULTANEAMENTE INÍCIO
E O FIM

onde seremos guiados por uma luz branca interrompida. No conjunto com os azulejos, com a localização geográfica da ermida, e com o desenho que, ainda que abstracto, forma uma linha de horizonte com ondas, a luz torna-se símbolo do mar, nas suas implicações com o lugar do sublime, tão fascinante quanto angustiante. A partir do altar, são-nos dadas pistas a partir de um engenho mecânico, sem qualquer presença humana para o que acontece do outro lado da parede, quase como numa tradução visual da *Alegoria da Caverna* de Platão. Daqui, aparentemente, é-nos dada informação sobre a (primeira) realidade que podemos ver. Contudo, a correspondência entre os lugares apresenta-se mais misteriosa e desorientadora do que reveladora de uma qualquer resolução ou final.

E, em última instância, é desta sensação entre o fascínio e o terror por perceber o final (ou o que ou quem o determina) que *And from the dust it shall return* trata. Por mais livros – sagrados ou profanos – aos quais tenhamos acesso, continuamos sem resposta sobre o que é o final, o que é a morte. A aura de *And from the dust it shall return* reside assim nos símbolos que convoca mas também no efeito contraditório de transformar uma matéria – o pó – num significante.

VIII

IX

PT

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

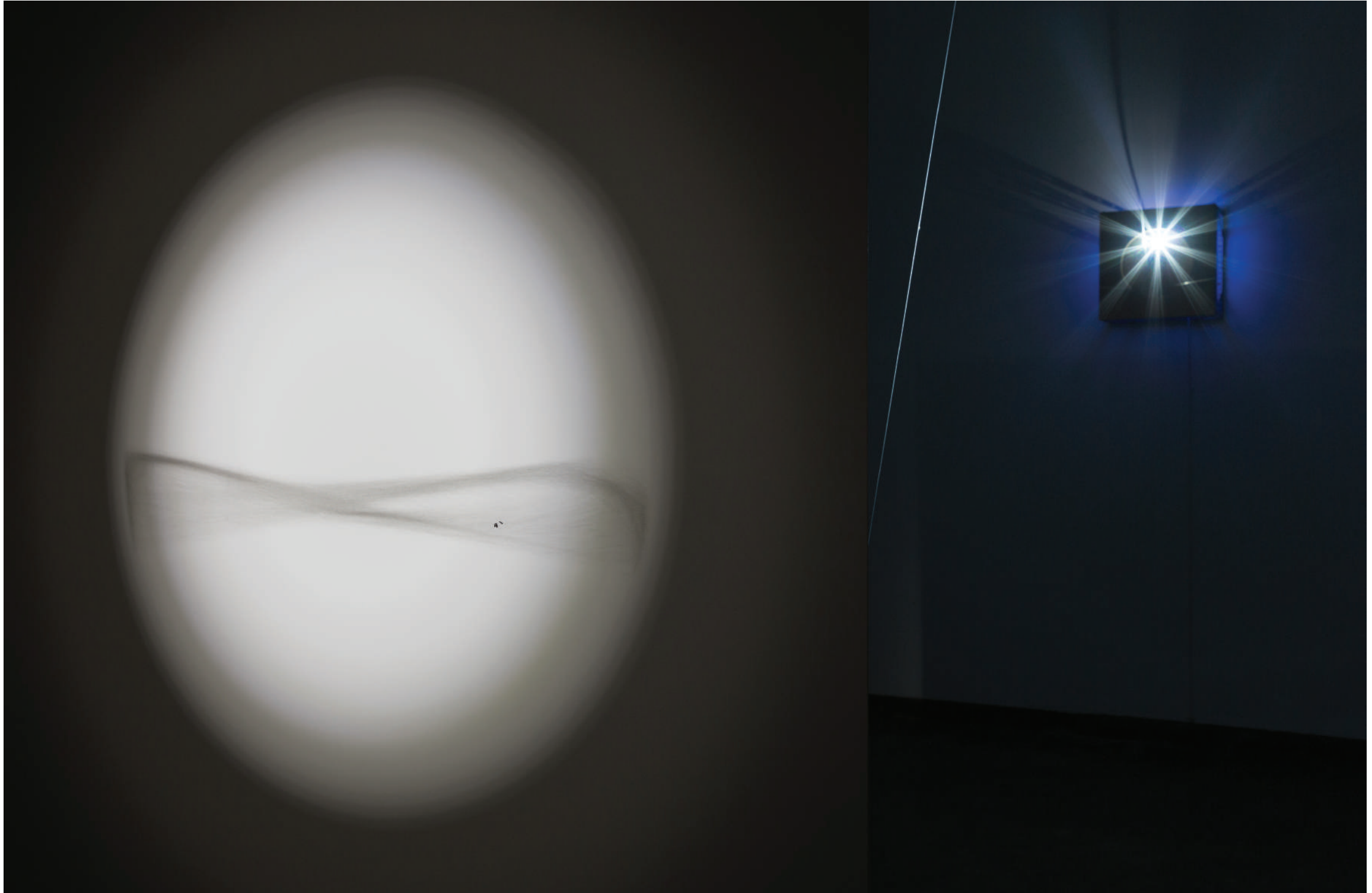
AND FROM THE DUST IT SHALL
RETURN PROPÕE DESTE MODO
UMA ALTERNATIVA AO
CICLO FINITO QUE OS NOSSOS
SENTIDOS CONHECEM
SUGERINDO UMA CONDIÇÃO
UNIVERSAL E INFINITA

Assim, a exposição–instalação aponta para algo que escapa aos sentidos humanos, mostrando a quarta dimensão que Marcel Duchamp descreveu como aquilo que não podemos ver com os olhos*. *And from the dust it shall return* propõe deste modo uma alternativa ao ciclo finito que os nossos sentidos conhecem sugerindo uma condição universal e infinita. Entre os binómios visível – invisível, material – imaterial, familiar – desconhecido, controlável – incontrolável, a exposição–instalação cristaliza-se no domínio do sensível. E do pó voltará, uma e outra vez, e tantas vezes quantas a nossa mente (ou será alma?) permitir.

X

(IMG)

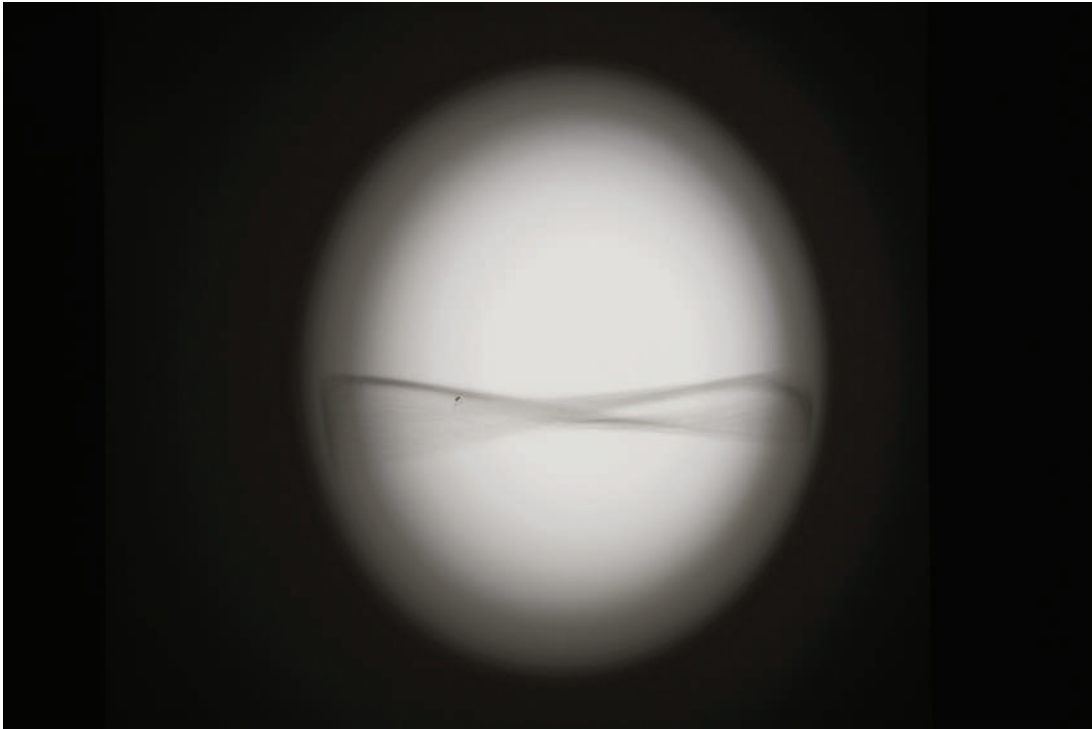


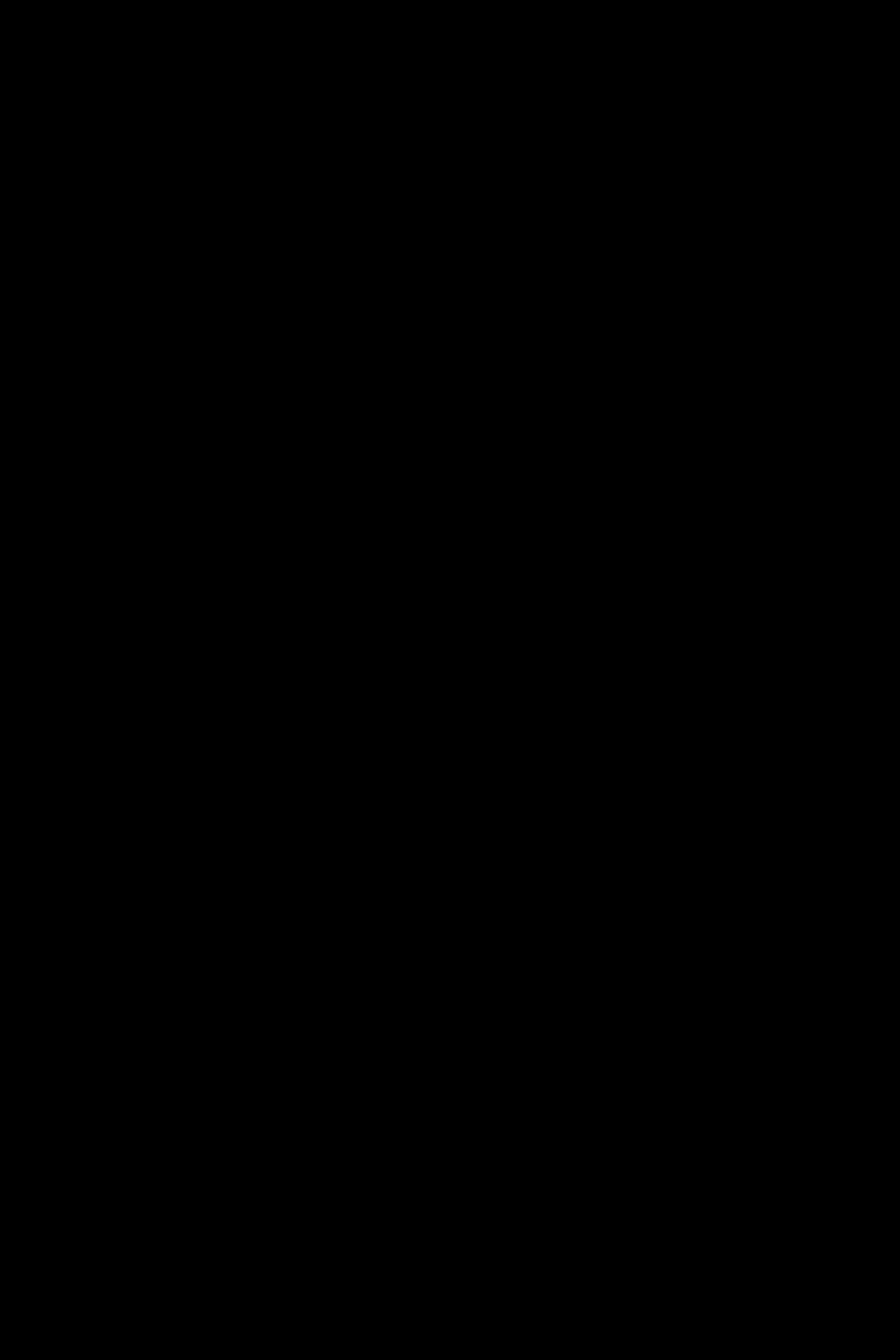












I

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

(EN)

And from the dust it shall return (2019), by Carlos Mensil (1988, Santo Tirso), is a site-specific installation – exhibit for Travessa da Ermida. In fact, more than specific to the space, this installation – exhibit is specific to the *context* of the place or the multiple symbols that the history of the place summons.

When we step into the space of Travessa da Ermida we are at first confronted with a partly lit wall. If we come closer we can see a kind of drawing in real-time, and hear a mechanical sound in a rhythm that seems random. If we move to the back of the wall we discover the entire wooden structure that bears the wall, a device with a spring, a moving magnet sphere, pulleys, nylon wires that slide, and also a small engine in a wooden box that seems to emit a blue light, which is, in the end, coming from an electronic component.

This description is, within the limits of what these words can do, truthful to what we can see and hear. However, the most interesting part of this piece is not entrusted to the senses but rather to our experience and

II

III

EN

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

MORE THAN SPECIFIC
TO THE SPACE, THIS
INSTALLATION - EXHIBIT IS
SPECIFIC TO THE CONTEXT
OF THE PLACE OR THE
MULTIPLE SYMBOLS THAT
THE HISTORY OF
THE PLACE SUMMONS

our memory (or our ideas) of what we know of the place – we are in a hermitage, built with the religious function of chapel, modest in size, in a solitary place – and the symbols that we associate with it.

The first symbol comes to us by way of the title, *And from the dust it shall return*, in a clear biblical reference to “you are dust, and to dust you shall return” (Genesis, 3:19). To the Catholic Church, God created Man using the same matter as the Earth – dust: “then the Lord God formed the man of dust from the ground and breathed into his nostrils the breath of life, and the man became a living creature” (Genesis, 2:7). Later God would tell Adam that “By the sweat of your face you shall eat bread, till you return to the ground, for out of it you were taken; for you are dust, and to dust you shall return” (Genesis, 3:19). This Bible passage tells us that we will return to dust, in our finite condition, mortal and dependent on God. In turn, the sentence that gives title to the exhibit, with the subtle semantic change that it puts forward, implies a condition of infinite circularity, of a return from that dust, matter that is simultaneously beginning and end.

And dust, in this installation - exhibit, is precisely and jointly matter and time. In the first room, lit by a kind of tall

IV

V

EN

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

THE MOST INTERESTING PART
OF THIS PIECE IS NOT
ENTRUSTED TO THE SENSES
BUT RATHER TO OUR
EXPERIENCE AND OUR MEMORY
(OR OUR IDEAS) OF WHAT
WE KNOW OF THE PLACE
AND THE SYMBOLS THAT WE
ASSOCIATE WITH IT

monocle that seems to take the place of a rose window in the chapel, we can see a drawing being produced in real time. One of the first impressions we get from *And from the dust it shall return* is that of this movement marked by a mechanical sound that, in this place, can easily make us think of an organ. The abstract image that is being drawn in motions, reminiscent of the mathematical principles that guided the first geometric abstractions and kinetic art, never stops. This drawing made with dust composed of pieces of metals and magnets, leftovers recovered from other finished pieces of Carlos Mensil's studio, thus instantaneously creates a relation with the title. After all, this drawing and – ultimately – this piece returned from the dust, from the dead parts of other pieces, to create something new.

This process of creation is a driving force for a sense of perplexity and oddness – we see the dust drawing on the wall but we see no one controlling it, nor can we discern in it a beginning nor end, not even a predictable rhythm. The attempts to understand who or what determines the motion of the drawing lead us to the altar, where we will be guided by a discontinuous white light. Together with the *azulejo* tiles, with the geographic

VI

VII

EN

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

THE SENTENCE THAT GIVES
TITLE TO THE EXHIBIT,
WITH THE SUBTLE SEMANTIC
CHANGE THAT IT PUTS
FORWARD, IMPLIES A CONDITION
OF INFINITE CIRCULARITY,
OF A RETURN FROM THAT
DUST, MATTER THAT IS
SIMULTANEOUSLY BEGINNING
AND END

location of the hermitage, and with the drawing, which though abstract forms a horizon line with waves, the light becomes a symbol of the sea, in its overtones regarding the place of the sublime, as fascinating as it is anguishing. From the altar, clues are given to us by a mechanical device, devoid of human presence to what takes place on the other side of the wall, almost like in a visual translation of Plato's *Allegory of the Cave*. From here, information is seemingly given to us about the (first) reality that we can see. However the correspondence between the places reveals itself more mysterious and disorientating than actually showing resolution or ending.

And, ultimately, it is of this sensation between fascination and terror for understanding the ending (or what or who determines it) that *And from the dust it shall return* speaks. No matter the amount of books – holy or secular – we have access to, we still have no answer as to what the end is, what death is. The aura of *And from the dust it shall return* thus resides in the symbols it summons but also in the contradictory effect of transforming a matter – dust – into a signified. And so the installation – exhibit points to something which escapes the human senses, showing the fourth dimension that

VIII

IX

EN

CARLOS
MENSIL

AND FROM THE DUST
IT SHALL RETURN

AND FROM THE DUST IT SHALL
RETURN THUSLY PUTS
FORWARD AN ALTERNATIVE
TO THE FINITE CYCLE THAT
OUR SENSES KNOW
BY SUGGESTING A UNIVERSAL
AND INFINITE CONDITION

Marcel Duchamp described as that
which we cannot see with our eyes*.
And from the dust it shall return
thusly puts forward an alternative
to the finite cycle that our senses
know by suggesting a universal and
infinite condition.

Between the binomials visible – invisible,
material – immaterial, familiar –
unknown, controllable – uncontrol-
lable, the installation – exhibit is
crystallized within the realm of the
perceivable. And from the dust it
shall return, again and again, and
as many times as our mind – or is
it soul? – will allow.

X

Carlos Mensil
(Santo Tirso, 1988).

Explora as potencialidades estéticas e estruturais de materiais fora do seu contexto habitual num território de questionamento conceptual; o que se vê são cenários de aparentes possibilidades, ou impossibilidades, sendo alguns jogos de ilusão uma espécie de plano alternativo que coloca em perspectiva tudo o que o rodeia e prende a atenção. Membro co-fundador do colectivo independente “CampaNice”, vive e trabalha no Porto. Realizou o Mestrado em Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, logo após a conclusão da licenciatura em Artes Plásticas (ramo de pintura), na mesma instituição.

He explores the aesthetic and structural potential of materials outside its usual context in a territory of conceptual questioning; what we see are scenarios of apparent possibilities, or impossibilities, and the illusion games are kind of an alternative plan that puts into perspective everything that surrounds and holds his attention. Co-founder member of the independent collective “CampaNice”, lives and works in Porto. Completed his Master's degree in Painting at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto, right after completing the degree in Fine Arts (painting), in the same institution.

**And from the dust
it shall return**

Carlos Mensil

Projecto Travessa
da Ermida

13.09 – 09.11.2019

Produção

Production

Travessa da Ermida

Galeria Presença

Texto

Text

Luísa Santos

Tradução

Translation

Henrique Frederico Rocha

Fotografia

Photography

Bruno Lopes

Design

The Blackest Black

Oscar Maia

Impressão

Printing

Gráfica Saúde Sá

Tiragem

Print Run

200